

# POESIA.NET: quatro apontamentos sobre literatura e internet

Sandro Ornellas<sup>1</sup>

**Resumo:** Trata-se de uma série de quatro reflexões introdutórias, apresentando algumas das mutações que o campo literário vem sofrendo nos últimos anos com a disseminação da internet. A transferência do debate, da criação e da recepção literária para espaço virtual da web implica tanto na confluência de aspectos variados na semiose da criação quanto em gestos de maior comunicabilidade com possíveis leitores.

**Palavras-chave:** Campo Literário. Literatura Contemporânea. Poesia e Internet.

**Abstract:** This essay is about a set of 4 introductory reflections, presenting some of the transformation that the literary scene has been suffering along the last years with spread of the Internet. The transfer of the literary discussion, of the literary creation and reception for the web virtual space implies both confluence of various aspects of semiosis of the creation and gestures of greater communicability with potential readers.

**Keywords:** Literary Field, Contemporary Literature, Poetry and Internet.

## ARTICULAÇÕES

Sendo anedótico, eu diria que Deleuze e Guattari (1995) fizeram um pouco da sua fama com o uso - dentre outras ferramentas conceituais por eles inventadas e que se tornaram grandes clichês da teoria crítica contemporânea - do rizomático “e... e... e...” (Deleuze, Guattari, 1995, 37). Foi daí que virou um fetiche metodológico interdisciplinar querer dar conta das complexas mutações culturais do nosso tempo com a relação entre campos diversos através do uso do “e... e... e...”, articulando, muitas vezes, campos, até cinquenta anos atrás, entendidos como independentes. Por outro lado, é de fato muito produtivo entender como campos aparentemente ultrapassados retornam com outra roupagem teórica

---

<sup>1</sup> Professor do Departamento de Letras Vernáculas e do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura no Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia.

nessas novas articulações. Tomemos as Humanidades como grande área de estudos voltados para a lógica da cultura humana e seus diversos produtos, organizações e manifestações. Uma teorização recente que tenta dar conta e projetar possíveis bases para esse retorno das Humanidades foi elaborada pelo crítico alemão Hans Ulrich Gumbrecht, no seu livro *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*, publicado originalmente em 2004 e, no Brasil, em 2010. No quinto capítulo, Gumbrecht faz profissão de fé de um novo sentido para as Humanidades, baseado em três eixos de práticas críticas: a história, a estética e o ensino. Com a história, Gumbrecht fala das “técnicas que produzem a sensação (ou melhor, a ilusão) de que os mundos passados podem tornar-se de novo tangíveis” (2010, 123); relembro de passagem a importância que a noção de memória histórica tem na reflexão contemporânea. Por estética, Gumbrecht frisa “a relevância epistemológica particular inerente ao tipo de *epifania* que [a estética] pode suscitar” (2010, p. 122). Quanto ao ensino, afirma ele: “estou convencido de que a tarefa mais importante que temos hoje é confrontar os alunos com a complexidade intelectual, o que significa que devemos concentrar nossa atenção nos *gestos dêiticos*, apontando a condensação ocasional dessa complexidade” (2010, p. 123). Resume, então, Gumbrecht: *presentificação*, *epifania* e *dêixis* seriam as categorias fundamentais de sua proposta de Humanidades para um futuro próximo. É, portanto, justamente diante dessas três categorias propostas pelo crítico alemão que pretendo aqui articular uma reflexão sobre a poesia contemporânea e a rede mundial de computadores, justificando essa *rizomática* cena como uma espécie de estudo de caso exemplar para se entender um pouco das complexidades do mundo contemporâneo; exemplar porque a relação da poesia com a internet parece comportar, de certa maneira, essas categorias de Gumbrecht. Em primeiro lugar, porque é cada dia mais evidente que a internet pode e deve contribuir para a educação, justamente pelo acesso rápido e fácil a uma pedagógica intersemiose de fontes para os “gestos dêiticos” que demonstram a complexidade crescente da vida. Em segundo lugar, porque a disponibilização dessas fontes na internet parece torná-la um imenso arquivo público em que o passado se torna tangível como memória permanente, presentificável e presentificada, num apertar de botões, condensando exponencialmente tempo e espaço e possibilitando novas experiências. Em terceiro lugar, porque, depois de proclamado de diversas formas e em diversas épocas o desinteresse pela leitura literária e a morte da poesia, eis a internet

propiciando o retorno com força de uma nova geração de escritores, poetas e leitores para as “epifanias” e debates estéticos. Mostra-se assim que a poesia ainda pode seduzir leitores, como comprova o exemplo de Fabrício Carpinejar, cujo inteligente uso do Twitter, de Blogs e do Facebook ajuda a vender seus livros de poemas, alguns em terceira edição - nos levando a concluir, a contrapelo dos editores, que poesia pode sim vender.

## **CAMPO**

Quem hoje ainda é capaz de navegar de forma livre e curiosa pelas infovias, com olhos particularmente interessados em literatura, já percebeu que a vida literária - que no século XIX e início do século XX se alimentava de grupos, debates, polêmicas, críticas, interesses, fofocas e textos no circuito que era formado pelos salões, jornais, cafés e casas editoriais (cf. Bourdieu, 1992) - migrou de modo definitivo para a internet. Na sua feição de vida total, na qual temos a sobreposição de espaços antes disciplinarmente separados como escola, trabalho, casa, rua, café, livraria, biblioteca, editora, etc., a internet é capaz de comportar diferentes grupos e perfis de interessados em poesia, fazendo-a voltar a ocupar um lugar no mundo literário. São blogs de jornalistas literários, de editores, de escritores, de leitores, de professores e de pesquisadores tratando de absolutamente todos os assuntos relativos ao campo e mesclando seus diversos pontos de vista numa babel virtual. Além disso, há revistas literárias de vários tipos, das mais amadoras às mais academicamente especializadas, múltiplos sites e redes sociais como Twitter e Facebook, que cometem o feito de conseguir - como se fosse um grande e permanente evento literário - com que todos se encontrem e se comentem. E muitas vezes briguem. Antes da internet, portanto, o campo literário parecia verdadeiramente destinado à marginalidade e estigmatização, pois a sua constituição no século XIX, forjada com a ideia de uma autonomia estética, levou sobretudo poetas, mas não apenas eles, a acreditar na autossuficiência do seu discurso em relação aos valores e instituições sociais e mercadológicos. Hoje o campo literário transforma-se com as mudanças tecnoculturais. Não que tenha abandonado completamente a ideia de autonomia estética e literária, mas, se podemos dizer que a internet é o que melhor representa a hipercomplexidade da cultura contemporânea, isso pode ser observado também facilmente no próprio modo como a produção literária nela se reconfigura. De um lado, são inúmeros os artistas que já entenderam essa lógica hipercomplexa e começam a

construir obras em fortíssimo diálogo com ela, fundindo formas de criação artística às novas tecnologias da informação e confundindo habilidosamente arte, divulgação e marketing pessoal, tudo interconectado pela internet como grande plataforma. Ela os ajuda a disponibilizar seus produtos de forma ampla e menos atravessados pelos seus tradicionais intermediários: críticos, jornalistas, professores e editores. De outro lado, ao longo do século XX, nunca se percebeu um retorno tão amplo dos clássicos canônicos como nos nossos tempos transmodernos, em que obras de domínio público como as de Camões, Machado de Assis e Fernando Pessoa, para falar de autores de língua portuguesa, são usadas para as mais diversas finalidades: desde trabalhos acadêmicos, mesmo de *scholars*, até postagens de alunos secundaristas apaixonados em blogs e redes sociais ou como simples forma de cultivo literário. Essas obras muitas vezes acabam alimentando um interesse renovado pela tradicional cultura literária, e que às vezes vem acompanhado de discursos também tradicionais do ponto de vista sociopolítico.

## DESTERRITORIALIZAÇÃO

Os poetas parecem ser os que mais ganharam com a virtualização do campo literário. Poderíamos dizer que foi a poesia, mas há uma espécie de “competição” desleal nas infovias entre autores contemporâneos e canônicos. Estes são infinitamente mais citados, lidos e compartilhados nas redes do que os vivos. Dois exemplos conhecidos são a transformação dos versos e frases de Fernando Pessoa e Clarice Lispector. Juntemos a isso que recentemente o performer e poeta Ricardo Aleixo criticou uma premiação de Ferreira Gullar, considerando-a uma espécie de redundância, assim como incapacidade de se ver a efervescente produção contemporânea. Mas se os poetas canônicos (ou em vias de canonização, como no caso de Gullar) são mais visíveis, o que parece absolutamente compreensível, os contemporâneos encontraram na internet um campo de possibilidades infinitamente enriquecedor, tanto do que respeita à produção literária quanto à circulação e divulgação. É o que se percebe no caso do jovem poeta Ricardo Domeneck. Mix de poeta, artista audiovisual, performer, tradutor, crítico e DJ, morador de Berlim há dez anos, Domeneck se tornou uma figura bastante presente nos meios literários brasileiros do século XXI, acompanhando e intervindo criticamente neles, justamente com a ajuda da internet. Ele é um típico exemplar da mutante confluência entre a tradição literária moderna e a novas tecnologias da

comunicação e informação. E sabe se valer muito bem disso, pois, mesmo morando longe do Brasil e circulando por festivais de poesia europeus, não perde a oportunidade de estar virtualmente presente nas movimentações do campo nacional, opinando e publicando. Uma visita ao blog de Domeneck, o *Rocirda Demencock*, assim como a abertura de algum dos seus cinco livros de poemas, revelará um autor filiado de certa maneira à grande tradição moderna da poesia, um tanto próximo à linhagem Mallarmé-Pound-Cabral: “O acaso que nos / ocupa produz-se / quando a memória / esvazia-se não / quando a memória / trabalha” (2007, 67). Mas, ao mesmo tempo, há um certo retorno à presença do sujeito autoral em sua poesia, através de modos interdiscursivos de subjetivação, o que resulta numa poesia que poderíamos chamar de pós-vanguardista, na falta de melhor definição: “prestes / a deixar o país retirei / na Biblioteca / Municipal / de Munique / na Alemanha o *Perto / do Coração Selvagem* / de Clarice / Lispector / uma edição brasileira / de 1984 em / que encontrei pequenas / anotações em alemão a lápis / nos cantos de algumas / páginas numa caligrafia / que julguei feminina” ([2005] 2012, 75). Essa confluência se torna clara através da performance audiovisual “Garganta com texto”, na qual Domeneck aparece do peito para cima deitado numa banheira enquanto fala um texto claramente ensaístico, com entonação empostada e olhando para a câmera. Nesse texto, ele, a certa altura, diz: “poesia não é literatura, poesia é uma performance, levada a cabo por homens e mulheres de carne e osso, com uma biografia específica, com uma educação específica, que eles não têm como simplesmente ignorar (...)” (DOMENECK, 2006). Esse texto é ritmicamente falado, à medida que a banheira pouco a pouco se enche de água, até o ponto de cobrir totalmente seu corpo e seu rosto, calando-o. Nessa obra, a intersemiose casa produtivamente à tradição moderna da poesia como exercício de linguagem (“poesia não é literatura”) com a presença performativamente virtual do corpo e do sujeito que fala para (um) outro(s), mediado por tecnologias hoje de simples acesso. Domeneck também faz performances ao vivo em festivais de poesia, mesclando projeção de imagens que chama poemas visuais, leituras oralizadas de textos escritos e sons mixados. Várias dessas aparições estão disponibilizadas em sua página no *Youtube* e possuem links em seu blog. Coerentemente, Domeneck, há poucos meses, disponibilizou na internet seu primeiro e seu último livro de poemas, *Carta aos anfíbios e Cigarros na cama*, em solidariedade ao processo sofrido pelo site Livro de Humanas, impetrado pela Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR), por colocar

*on-line* cópias de livros de editoras brasileiras. Ou seja, vários poetas, e alguns escritores, que despontam na literatura pós-internet, têm uma relação com os direitos autorais diferente das gerações anteriores. O exemplo militante de Domeneck só politiza o que os blogs anônimos têm feito em outra escala com a poesia e textos acadêmicos e que a *ex-manager* do Grupo Record, Luciana Villas-Boas, disse tratar-se dos primeiros núcleos impressos a migrar para o mercado dos *e-books* e textos *on-line*.

## RETERRITORIZAÇÃO

Ao lado dessa desterritorialização do texto poético (cf. Lévy, 1996, 47), há uma reterritorialização, que também parece presente na internet e que se mostra muito interessante de acompanhar. Falo da discursividade lírica, tão fartamente encontrada em blogs de anônimos e que - estereotipadamente - caracterizar-se-ia por um parágrafo em prosa, que se assemelha a um híbrido textual, meio poético, meio prosaico e que, mesmo parecendo, não chega a ser uma crônica. Geralmente vem acompanhado por uma imagem e narra algum evento cotidiano em tom francamente lírico. Até aí, nada de novo, pois, desde o século XIX, os poemas em prosa baudelairianos anunciavam a quebra de gêneros como um motivo definidor da literatura moderna. Mas essa reterritorialização ocorre depois de que a lírica moderna foi praticamente canonizada como “fundamentalmente antidiscursiva e autorreferente”, sendo, no entanto, “muito mais uma lenda ideológica, mais um mito teórico-polêmico do que uma realidade” (BERARDINELLI, 2007, 177). Historicizando esses híbridos, Alfonso Berardinelli remete aos anos 1960 como esgotamento da ideia de “poesia pura” e a retomada de formas híbridas como o poema ensaístico, a poesia conversada, o poema didático, o panfleto, dentre outros (cf. BERARDINELLI, 2007, 186). Antonio Risério, numa outra mirada teórica, próxima a de Pierre Lévy, coloca as recentes transformações da materialidade textual em linha de continuidade “semioantropológica” de longuíssimo prazo. Ele toma a linguagem das vanguardas estéticas como signo cultural intermediário entre os grafismos pré-históricos nas cavernas e as experiências holográficas em meios digitais: “de um ponto de vista antropológico geral, não há nenhuma diferença fundamental entre o poeta que aciona a tecnologia do grafite, o poeta que se serve dos tipos móveis de Gutenberg e o poeta que manipula computadores” (cf. RISÉRIO, 1998, 53). Foi só recentemente, todavia, com a internet, que se percebeu com muito mais força as formas de

reterritorialização textual, o que no Brasil também se evidencia com a avassaladora onda dos microcontos no Twitter (seria mero acaso Dalton Trevisan, mestre de minicontos, ganhar em 2012 o Prêmio Camões?). Daí que um poeta relativamente novo - laureado desde sua estreia em 1991 com um Prêmio Jabuti - como Carlito Azevedo, capaz de versos como os de “Hotel Inglaterra”, sofisticadíssimos e difíceis em seu diálogo com a montagem cinematográfica eisenteiniana - “*Hotel / Inglaterra - // não o negro / pórtico, // a escadaria / dourada // ou a gravidade / da insígnia: // dois leões / empinados // (diz-se / rampantes)*” (Azevedo, 1993, 16) -, tenha em seu último livro, *Monodrama* (2009), optado por escrever vários poemas em prosa narrativa, recheados em personagens reais ou imaginários, em evidente clave alegórica, como em “Um confeitiro da cidade de x... observa a foto do asteroide 433 Eros contra um fundo de estrelas num único pixel iluminado”:

Nos oito anos em que passou em x... o anjo boxeador experimentou a vertigem e o assombro de uma rotina tão inalterada que certo dia, enquanto pensava na vida média de um nêutron ou nos pés inchados de Édipo, súbito foi atingido pela certeza de que para o dono da confeitaria da esquina, diante de cujas vitrines passava pontualmente todos os dias pela manhã, ele não poderia representar nada além de uma estranha forma móvel, acinzentada, que cruzava a rua produzindo na limpeza de suas vitrines uma tênue agitação membranosa, e cuja existência, ou aparição diária, com precisão astronômica, durava nunca mais do que doze segundos. (...) (Azevedo, 2009, 56).

Tal caso só valida e exemplifica a argumentação deleuziana que Pierre Lévy usa para entender “virtual” não como oposto a “real”. Sendo virtual, na verdade, aquilo que potencialmente “tende a atualizar-se”, sendo “o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização”. Atualização por sua vez é “a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado. A atualização é criação, invenção de uma forma a partir de uma configuração dinâmica de forças e de finalidades”, Daí que “o real assemelha-se ao possível; em troca, o atual em nada se assemelha ao virtual: *responde-se*” (Lévy, 1996, 15-7).

A poesia publicada em livro nos últimos anos está, na verdade, sofrendo uma forte reterritorialização pela migração do campo literário para a internet, tanto no que respeita às negociações entre os diversos atores em cena quanto no que respeita às formas

de atualização que na Web são possibilitadas enquanto potências virtuais em blogs, redes sociais, *e-books*, revistas, sites, diálogo de linguagens artísticas etc. Assim, do processo que caminhou do livro à internet, percebe-se hoje que - pelo menos no mundo altamente livresco da literatura - uma sutil inversão do fluxo: formas passam da internet para o livro, atualizando a literatura. É o que percebemos no quarto livro de Kátia Borges, formado por pequenos textos em prosa, que parecem sintetizar exemplarmente o esforço de comunicabilidade poética em que os autores contemporâneos investem na internet, agenciando elementos discursivos variados da tradição, mas que só se tornaram possíveis - hoje - se observamos com cuidado e sem preconceitos o fenômeno tão comum, exemplar e felizmente comunicativo da poesia no mundo virtual. Concluamos com “Dedicatória”:

É por você, para você, que escrevo. Madrugada alta, imersa em silêncio. No burburinho da redação, ensimesmada. Os dedos curtos teclando. A tela azul recompondo, em alfabeto, o sentido do tempo e do espaço. Para você, volto a fazer poemas. Abandono o álcool e outros vícios. Passo a desacreditar em cartomantes. Por você, entorto todas as linhas traçadas na palma das minhas mãos. Troco meus mapas por desenhos infantis. Fecho os olhos e conto até dez. Por você, prendo a respiração até não mais poder. Respiro fundo e com vigor. Forço a memória. Cito Rimbaud. Falo *tatibitate* com fluência. Me comporto com decência. Para você, me dispo, sem problemas. Me visto com elegância. Me movimento com cuidado. Com a calma que o I Ching indica. Como a reposa atravessando o gelo, sem molhar a cauda. Como Janis Joplin, ao chegar em Port Arthur, depois de mais uma tentativa frustrada de sucesso em San Francisco. Por você, aposento meus CDs de Noel Rosa. Revisito a prosa coloquial das revistas semanais. Aprendo palavras novas em inglês.

Para você, recupero a ousadia de sonhar o meu vocabulário vulgar. Aprendo a aceitar, compreender, perdoar. Me arrisco, me belisco (para acordar). (Borges, 2012, 37-8)

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Carlito. *As banhistas*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.  
 \_\_\_\_\_. *Monodrama*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2009.  
 BERARDINELLI, Alfonso. Poesia e gênero lírico: vicissitudes pós-modernas. *Da poesia à prosa*. São Paulo, Cosac Naify, 2007.  
 BORGES, Kátia. *Escorpião amarelo*. Salvador, P55, 2012.  
 BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art*. Paris, Éditions de Seuil, 1992.



DELEUZE, Gilles, GUATTATI, Félix. Introdução: Rizoma. *Mil platôs*, vol. 1. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.

DOMENECK, Ricardo. *A cadela sem Logos*. São Paulo, Cosac Naify; Rio de Janeiro, 7 Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *Carta aos anfíbios*. 2 ed. rev. Rio de Janeiro, Berinjela/Modos de usar & Co., [2005] 2012. Disponível em <<http://www.mediafire.com/view/?4pube5b3vtkar2w>>. Acesso em: ?

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Produção de presença*. O que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro, Contraponto/PUC-Rio, 2010.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo, Ed. 34, 1996.

RISÉRIO, Antonio. *Ensaio sobre o texto poético em contexto digital*. Salvador, Fundação Casa de Jorge Amado, 1998.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

DOMENECK, Ricardo. *Rocirda Demencock*. Disponível em: <<http://ricardo-domeneck.blogspot.com.br/>>. Acesso em 18 ago. 2012.

DOMENECK, Ricardo. *Garganta com texto*. 2006. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=sZwFos5meBU&feature=plcp>>. Acesso em 18ago.2012.